



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após abertura da Cúpula África-América do Sul (Afras)

Abuja-Nigéria, 30 de novembro de 2006

Eu queria dizer para vocês que esta reunião da Cúpula América do Sul e África é mais uma coisa que eu considero histórica nas nossas relações internacionais. Foi assim com a criação do G-4, foi assim com a criação do IBAS, foi assim com a criação do G-20, foi assim com a criação da Comunidade Sul-Americana de Nações, e é assim agora com a criação dessa aliança entre países africanos e América do Sul. E foi assim com o encontro entre o Brasil e os Países Árabes.

Se nós formos analisar do ponto de vista simplesmente comercial, nós vamos perceber que, depois de nossa viagem, as nossas relações, em alguns casos, triplicaram, em outros casos, duplicaram, e aqui, na África, foi 110% de incremento que aconteceu nas nossas relações comerciais. Mas, como nós não estamos pensando apenas nisso, nós estamos pensando que é preciso que os países do Terceiro Mundo, os países em desenvolvimento e os países pobres estabeleçam entre si regras de relacionamento que possam permitir que cada um descubra o potencial de coisas que nós poderemos fazer juntos, de coisas que nós poderemos comercializar, da nossa afinidade cultural, da nossa afinidade política, mas, sobretudo, uma coisa que eu considero extremamente importante, é a gente descobrir que, por mais pobre que seja um país, ele tem potencial de vender alguma coisa, de comprar alguma coisa.

Os países maiores do nosso Continente precisam aprender a fazer aquilo que os países europeus fizeram na década de 50, o que os Estados Unidos fazem há um século com os países pobres – política de investimentos, política de implantação de acordos científico-tecnológicos –, para que os países possam se desenvolver. Quanto mais eles se desenvolverem, mais



serão países industrializados, mais serão países consumidores, e você cria uma dinâmica no comércio internacional onde, efetivamente, todos possam participar.

No caso da África, o Brasil está implantando um centro da Embrapa, em Gana, para que a gente possa trazer para o continente africano aquilo que foi o conhecimento tecnológico que levou à revolução da agricultura brasileira nos anos 70, nos anos 80 e nos anos 90.

E mais ainda. Toda vez que eu falo no biodiesel, vocês sabem que eu sou um apaixonado pelo biodiesel, porque eu acho que será a matriz energética do século XXI, que pode gerar os milhões de empregos que nós precisamos, pode dinamizar a agricultura de vários países e pode criar a independência e a soberania de vários países. Toda vez que eu penso no biodiesel, eu penso na África. Eu não penso apenas no semi-árido nordestino, não penso apenas no Vale do Jequitinhonha, não penso apenas na soberania energética do Brasil, eu penso também nos países africanos que, durante séculos, em um primeiro momento serviram os países ricos, e o Brasil foi um beneficiário disso, de escravos, de trabalho escravo. Depois, serviram de seus minérios, de suas pedras preciosas, do seu petróleo.

E eu penso que o biodiesel é a possibilidade dos países ricos terem uma relação igual mais justa com os países africanos, em que eles podem produzir as oleaginosas, eles podem fazer o primeiro óleo bruto dentro de cada país, que pode ser refinado dentro da África ou no país que vai consumi-lo. É uma coisa extraordinária, do ponto de vista de criar oportunidades para que os países pobres tenham chance. Se vocês atentarem, para cada trabalhador que trabalha numa fábrica de transesterificação, ou seja, numa fábrica que vai transformar a oleaginosa em óleo combustível, você vai perceber o quê? Vai perceber que, para cada trabalhador na fábrica, precisa de mil no campo. Se você imaginar que no Brasil, em apenas dois anos, nós já conseguimos contratar 205 mil famílias que estão produzindo girassol, que estão produzindo



mamona, que estão produzindo soja, que estão produzindo pinhão manso, que estão produzindo algodão, imagine o potencial de desenvolvimento que isso pode trazer ao mundo africano.

Eu, na semana passada, fui a uma festa dos 50 anos da Mercedes-Benz. Lá, eu conversava com a direção da Mercedes-Benz sobre a necessidade de que a Mercedes-Benz possa, com a tecnologia que ela tem, produzir motor 100% biodiesel. Por quê? Porque esse motor tanto pode ser utilizado nos países que podem produzir biodiesel, como o motor mundial pode continuar a ser utilizado no mercado que precisa utilizar o óleo diesel normal.

Se não bastasse isso, a Petrobras fez um pouquinho mais que o biodiesel, ela fez o H-Bio, que é a mistura direta do óleo vegetal ao óleo diesel, refinado diretamente da refinaria, que dá um óleo diesel sem enxofre, e é o que o mundo inteiro precisa para despoluir a emissão de gases que tanto prejudica o nosso Planeta.

Então, quando eu venho a uma reunião como esta e consigo juntar, a convite do presidente Obasanjo, essa quantidade de dirigentes africanos, eu saio convencido de que nós estamos dando um passo importante, um passo que pode levar cinco anos, pode levar dez anos, pode levar 20 anos. As coisas demoram, quando se trata de política internacional. Vejam que a União Européia ficou trinta anos para tentar chegar ao ponto que chegou, e ainda tem problemas sérios, e isso vai se resolvendo com o tempo.

Eu penso que o que o Brasil fez com o Oriente Médio, o que o Brasil fez com a América do Sul e o que o Brasil está fazendo com a África é uma demonstração inequívoca de que nós poderemos mudar a geografia comercial do mundo, na medida em que sejamos ousados, na medida em que tenhamos propostas, na medida em que queiramos construir parcerias além daquelas que, historicamente, nós construímos.

Ou seja, obviamente que todo mundo quer vender para os Estados Unidos, ou todo mundo quer vender para a Europa, para os países mais ricos,



ou para o Japão. Acontece que o potencial de compra desses países também tem limitação, eles também têm que produzir, também têm que vender. Então, o que nós precisamos, é brigar para criar outros mercados potenciais, que vão comprar dos europeus, que vão comprar dos Estados Unidos, mas que vão, entre si, fazer as trocas comerciais que podem fazer a diferença dentro das necessidades econômicas de cada país.

Bem, além dessa questão da agricultura, em que eu acho que o Brasil pode dar uma contribuição inestimável aos países mais pobres, nós somos um país que exporta tecnologia de ponta, como os aviões, por exemplo, da Embraer. Temos tentado convencer as pessoas de que o avião da Embraer é muito importante, inclusive aqui, na Nigéria, inclusive na Argélia, que está precisando comprar avião. Se vocês andarem por vários países da África, vocês vão encontrar ônibus da Marcopolo desfilando pelas estradas existentes nesses países. E mais ainda, vocês vão perceber que nós poderemos, não apenas ensinar aquilo que nós aprendemos do ponto de vista tecnológico, colocar mais tecnologia, como nós poderemos vender parte dos alimentos que o Brasil produz. Eu vou dar um exemplo para vocês: quando os Estados Unidos resolveram aumentar a produção do etanol e utilizar o milho como matriz para produzir etanol, o que aconteceu? Eles tiraram alguns milhões de toneladas de milho do mercado. Isso fez com que outros países que produzem milho já estejam, como é o caso de alguns produtores do Brasil, vendendo o milho que vão plantar em 2008, ou seja, não é nem o que plantou em 2006, nem o que vai plantar agora em 2007, é o que eles vão plantar em 2008, ou seja, vendendo, fazendo “hedge” e, portanto, garantindo a tranquilidade da sua produção de milho. Isso pode acontecer com o equilíbrio que o biodiesel pode criar na agricultura mundial, que é garantir que na hora em que você tenha excesso de produção, você utilize determinadas oleaginosas na produção de biodiesel, sem precisar colocá-las no mercado a um preço que não importa ao produtor.



Acontecer, mais ou menos, com o que aconteceu com o álcool no Brasil. Todo mundo sabe que o álcool no Brasil aconteceu por acaso, ou seja, nós vendemos muito açúcar, o açúcar estava a mil e 200 dólares no mercado internacional e, de repente, o açúcar despenca e todo mundo tinha plantado cana, o que vai fazer? Fazer álcool. Um programa que agora se auto-definiu com políticas públicas corretas, com políticas industriais corretas, na medida em que quase 75% dos carros vendidos no mercado interno são flex-fuel, em que as pessoas podem utilizar qualquer tipo de combustível, seja álcool ou seja gasolina.

Bem, nós achamos que essa é a oportunidade, uma das grandes oportunidades para o continente africano, ou seja, é a necessidade da geração de empregos e da produção de coisas que possam garantir uma melhoria da qualidade de vida aqui. Eu digo sempre para todos os dirigentes da América Latina e da África que encontro, que nós precisamos sempre olhar o século XX para a gente medir o que deu certo, o que não deu certo, para que a gente faça algo diferente no século XXI, para que a gente possa pensar alguma mais estruturante, e não aquelas políticas voluntaristas em que, de repente, um país rico cria uma política de incentivo à compra do remédio tal, uma política de incentivo ao combate... que tem uma curta duração até o presidente estar no mandato. Quando ele sai, como não é política de Estado, acabou. Então, nós precisamos criar políticas estruturantes que sejam definitivas, que independam de quem esteja na presidência da República dos países, para que as coisas possam fazer com que o continente africano tenha no século XXI as oportunidades que ele não teve no século XX, no século XIX, no século XVIII e no século XVII. Então, a minha gratificação de poder ter participado desta reunião é exatamente essa.

Jornalista: (inaudível) o senhor provavelmente não conseguiu conversar, por exemplo, com o presidente boliviano (inaudível).



Presidente: Não, não consegui conversar.

Jornalista: Na semana que vem o senhor vai estar lá, eu posso saber se o senhor pretende colocar para ele que tipo de...

Presidente: Eu vou participar, na Bolívia, de um encontro internacional, o encontro da Comunidade Sul-Americana de Nações. Também não vou para a Bolívia para discutir os problemas do Brasil com a Bolívia. Os problemas do Brasil com a Bolívia serão discutidos ou numa visita de Estado minha à Bolívia, ou uma visita de Estado do Evo Morales a Brasília. Ou, senão, na visita do Ministro de Minas e Energia e do Presidente da Petrobrás. Nessas reuniões internacionais eu não discuto os problemas específicos, porque senão você está fazendo os outros presidentes não cumprirem o papel para o qual foram convidados.

Jornalista: Mas é justamente sobre isso, Presidente, que eu queria perguntar. O senhor está aqui lutando pela unidade do diálogo Sul-Sul, há dificuldades obviamente, nem todos os líderes convidados compareceram, particularmente os da América do Sul. E na América do Sul, no nosso, digamos, quintal, o senhor enfrenta dificuldades já com a Bolívia, invasão de áreas da Petrobras, agora o Equador, o novo Presidente eleito falando em reduzir o lucro de empresas multinacionais, no caso da Petrobras, que nos afeta. O que está havendo, não se consegue forjar essa unidade?

Presidente: Consegue-se forjar unidade se nós tivermos uma política justa e entendermos que os países têm direito àquilo que é a riqueza produzida pelos seus povos.

É importante que a gente tenha clareza, para não ficar enganando



ninguém, de que na história da Humanidade, todos os países que são detentores de matérias-primas, que são detentores de petróleo, de gás e minério de ferro, em algum momento brigaram para que o potencial da riqueza emanada das suas riquezas minerais ficasse dentro do país. Foi assim em todo o Oriente Médio e foi assim em todos os países do mundo. É normal que, se houver acordos que são prejudiciais aos países detentores das matérias-primas, os consumidores, sejam eles Brasil ou Estados Unidos, têm que pagar o preço justo, como nós queremos que na hora que queiram explorar os nossos, que paguem o preço justo.

Então, nós vamos construir isso na medida em que tivermos a sabedoria de compreender qual é o preço justo para o consumidor e qual é o preço justo para o fornecedor. Se a gente compreender isso e um lado não quiser levar vantagem sobre o outro, mas se quisermos apenas estabelecer o equilíbrio político e econômico, eu acho que nós não teremos nenhum problema.

Jornalista: Presidente, nos encontros que o senhor teve aqui na Nigéria, surgiu alguma possibilidade concreta já de investimento em conjunto com algum país na questão do biodiesel? Eu queria que o senhor citasse para a gente se tem algum caso que já deixe o senhor entusiasmado. Uma outra questão é que como é que o senhor pretende convencer os investidores brasileiros a colocarem dinheiro num continente que é conhecido também pela instabilidade política, já que a gente está tendo esses problemas recentes com a Bolívia que podem estar no imaginário do empresariado como sendo uma dificuldade?

Presidente: Olhe, se nós fôssemos levar em conta apenas os conflitos específicos, nós poderíamos dizer: os Estados Unidos estão em guerra com o Iraque e, portanto, não deveria ter investimento lá; a Colômbia tem uma guerra interna, portanto, não poderia ter investimento lá.



Ora, um investidor pensa é na possibilidade de ter retorno de seu investimento. Aqui, na África, nós temos países como o Senegal, nós temos países como Gana, nós temos países como a Nigéria, que estão extremamente preocupados...

Eu vou dar um exemplo da conversa que eu tive com o presidente Bouteflika ontem, que é de um país rico, do ponto de vista de petróleo e gás. Ele dizia para mim o seguinte: “Presidente, nós somos ricos em petróleo e gás, mas nós precisamos de ajuda para desenvolver um parque industrial na Argélia, porque não adianta a gente ter só petróleo e só gás, e quando acaba isso, a gente não tem nada. Então, o Brasil pode nos ajudar a industrializar a Argélia, com o conhecimento tecnológico do Brasil e com o potencial das nossas indústrias. Fazer parceria com as empresas, neste país, criar aquilo que precisa ser criado, e o Brasil tem um potencial extraordinário para fazer isso”.

No encerramento do Encontro, eu disse ao presidente da União Africana que eles deveriam tomar a iniciativa de convocar um seminário técnico em março ou fevereiro do próximo ano, para discutir a introdução do biodiesel nos países africanos. Nós estamos inaugurando um centro da Embrapa em Gana, exatamente para que a gente possa trazer a nossa tecnologia e ajudar esses países a terem as oportunidades que um dia teve a Alemanha, que um dia teve a Suécia, que um dia tiveram os Estados Unidos e que um dia teve o Brasil. O Brasil está no meio do caminho, ou seja, nós poderemos avançar infinitamente mais. E eu vejo no biodiesel e no H-Bio uma revolução energética para o século XXI. É por isso que eu trabalho com tanto entusiasmo, é por isso que eu carrego as minhas caixinhas de amostras que significam a quantidade de oleaginosas. Eu fico imaginando o seguinte: imagine uma Petrobras, ou uma empresa de petróleo, que tem que, para achar petróleo, cavar, enfiar primeiro uma sonda que vai perfurar três, quatro, cinco, seis mil metros de lâminas d’água, depois mais três mil metros em terra, depois mais quatro ou cinco mil



metros transversal. Imagine o que é você plantar uma covinha com 20 centímetros, plantar uma semente e, depois de quatro meses, você pegar um pedacinho de óleo ali e moer. A quantidade de empregos que você gera, não polui o ambiente, não vai emitir os gases que emitem as indústrias dos Estados Unidos. Então, é uma revolução que está acontecendo. Está acontecendo porque o Brasil tomou (inaudível). Eu quero dizer para vocês que eu não consigo compreender porque o Exedito Parente, nosso professor da Universidade Federal de Fortaleza, inventou o biodiesel, em 75, e passou, praticamente, 20 e poucos anos sem que ninguém se importasse com aquilo. Nós resolvemos transformá-lo em combustível e está dando um sucesso extraordinário.

Jornalista: Essa é a 1ª Cúpula entre os países africanos e os países da América Latina. Qual o balanço que o senhor faz?

Presidente: Olha, o balanço que eu faço é de otimismo. Eu sei que, muitas vezes, não apenas um companheiro ou companheira da imprensa, mas às vezes, o próprio presidente vem aí e não aconteceu nada, não levou nada para casa e ele fala: “puxa vida, valeu a pena uma reunião dessas?”. Eu acho que valeu a pena. Vale a pena porque a política é estabelecida por alguns itens que são importantes. Primeiro, a gente se conhecer. Segundo, você estabelecer uma política de confiança. Terceiro, você ir construindo alternativas que vão despertando na cabeça de cada chefe de Estado a possibilidade de que no seu Estado aquilo pode dar certo. Eu sou contra a política de voluntarismo, aquele oba, oba, que você chega e fala não, tem tanta coisa, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo. Não. Eu prefiro as políticas estruturantes, que são mais demoradas porque elas têm que ser mais cautelosas, porque elas são mais responsáveis.

Eu saio deste encontro mais otimista do que a primeira viagem que eu



fiz à África. Não só porque nós temos a experiência de crescimento da nossa política de relação comercial, que cresceu 110%, mas porque o potencial de interação entre os países é muito grande. Um país como este, em que nós estamos hoje, tem 140 milhões de habitantes, é um país que produz petróleo enormemente. Aqui tem espaço para os empresários brasileiros fazerem negócios. Agora, é preciso que a gente trabalhe para que a gente deixe de olhar apenas a Europa ou apenas os Estados Unidos, que a gente olhe o mundo como um todo e descubra nichos de oportunidades para cada segmento da indústria brasileira e, sobretudo, na construção de parcerias. É isso que me faz viajar, é isso que me faz acreditar que quem quer crescer economicamente não fica esperando oportunidades, sai atrás das oportunidades. E eu vou sair atrás das oportunidades que estão colocadas no mundo.

Jornalista: (inaudível) sobre crescimento. Hoje foi divulgado o dado do PIB no terceiro trimestre, o Brasil cresceu 0,5%, o que leva a uma projeção para este ano de, no máximo, 3%, segundo os economistas. Eu queria que o senhor comentasse, porque fica abaixo da média que o senhor tinha dito, de 4%, e que foi repetido por todo o governo durante uma parte do ano.

Presidente: Eu vou esperar primeiro o quarto trimestre para saber quanto vai ficar. E, certamente, o quatro trimestre pode crescer 1,5%, pode crescer um pouco mais. O dado concreto é que eu já não estou mais pensando em 2006, eu agora estou pensando em 2007, 2008, 2009, 2010. Eu, agora, tenho que pensar para frente e estamos tomando todas as medidas para que o Brasil tenha um crescimento mais vigoroso, um crescimento que possa atender mais rapidamente à necessidade da geração dos empregos e da riqueza que nós precisamos.



Jornalista: Presidente, o PMDB aprovou hoje, por aclamação, o apoio ao seu governo como já tinha sido conversado e hoje houve a reunião formal. Isso significa para o senhor que a governabilidade do segundo mandato está garantida, com esse apoio do PMDB?

Presidente: Primeiro, eu não tive problema de governabilidade no primeiro mandato, quer dizer, com a aprovação do Fundeb e com a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, eu aprovei tudo o que mandei ao Congresso Nacional, o que era relevante, numa demonstração de que eu não tive problema de governabilidade. Aprovamos tudo. O Congresso não é diferente daquilo que a gente vê todo dia, no mundo inteiro. O Congresso é uma Casa de diversidade, é uma Casa que tem todas as matizes ideológicas, todas as origens sociais, todas as etnias. Então, tudo é sempre mais discutido, mais debatido, até porque é assim a democracia. O Bush acabou de perder a maioria na Câmara e no Senado, mas não vai deixar de governar os Estados Unidos por conta disso.

Eu acho que é importante esse gesto do PMDB. Eu acho importante e espero que seja o gesto de todos os partidos que compunham a base de governo para que a gente possa, ao invés de ficar discutindo cargos, discutir políticas públicas, discutir políticas de desenvolvimento, discutir políticas de infra-estrutura, discutir políticas de investimento. No fundo, no fundo, eu acho que é isso que todo mundo sonha, que todo mundo quer. E, agora, que não tem eleição por perto, vai ficar muito mais fácil a gente fazer isso.

Jornalista: Presidente, o senhor poderia contar do encontro, hoje, com o presidente da Líbia e também sobre a questão da alteração da tabela do Imposto de Renda?

Presidente: Deixe-me falar da Líbia, do Imposto de Renda, você pergunta para



o Guido. Primeiro, o Brasil tem interesse nas suas relações com a Líbia. Todo mundo sabe que a Líbia tem caminhado para um processo de democratização, às vezes, nem sempre é compreendida a visita de um presidente do Brasil à Líbia, mas quando a Inglaterra visita, as pessoas acham o máximo. Mas é assim, lamentavelmente as coisas acontecem assim, no Brasil.

O Brasil tem o interesse da Petrobras na Líbia, a Petrobras tem interesse, a Petrobras está tentando disputar a produção de petróleo na Líbia. Já temos indústrias da construção civil brasileira, como a Andrade Gutierrez, Camargo Correia, Odebrecht, que têm interesse no processo de reconstrução de Trípoli. E vocês podem ter certeza que eu não tenho nenhuma timidez de, na conversa com esses presidentes, tentar fazer com que as empresas brasileiras ganhem uma fatia da produção que eles querem dispor a outras empresas.

Foi isso que eu conversei com o presidente Khaddafi, além de falar um pouco da América do Sul, e ele falar do Oriente Médio. E eu acho que vocês viram o comportamento do Khaddafi na reunião, numa demonstração de que, sobretudo neste continente em que a democracia veio mais lenta do que em outros continentes, ela também já avança a passos largos.

De forma que eu volto, agora, para o Brasil. Lamento não poder convidar vocês para irem no avião comigo, porque não cabe.

Jornalista: O senhor está melhor do pé? Conta para a gente como o senhor torceu o pé.

Presidente: Uma torção, que nem eu sei como foi.

Jornalista: Quanto tempo o senhor deve ficar ainda...

Presidente: Eu penso que se eu não andar amanhã, sábado e domingo, na



segunda-feira eu já poderei até bater uma bolinha. Eu estou tratando com o médico que cuida do Ronaldinho.

Jornalista: A gente está num país que é a origem de muitos antepassados de afro-brasileiros, é um país que viveu toda uma história de diáspora africana, está se falando muito isso hoje em dia, a sociologia aceita esse conceito e o Brasil é um grande recipiente de grande parte dessa diáspora. O primeiro-ministro Tony Blair acaba de pedir (inaudível) em público, que lamenta o passado escravocrata da Inglaterra. O senhor acha que é o caso, o senhor hoje como chefe de Estado de uma nação como o Brasil, nação plural, multirracial, também fazer uma colocação desse tipo? Qual é a sua reflexão sobre a presença dos descendentes de escravos, até aqueles que saíram daqui?

Presidente: Eu tive a oportunidade de ir à Ilha Gorée, no ano passado, pedir perdão. E pedi perdão com a humildade de um presidente da República que pode olhar na cara do povo brasileiro e dizer que eu não tenho dúvida que, nunca, nenhum presidente fez para os afrodescendentes o que nós estamos fazendo. Só para você ter idéia, em todo o programa de bolsas do ProUni, 40% são para os jovens afrodescendentes. Nós estamos entregando títulos de terras a remanescentes de escravos, a quilombos existentes, como jamais foi entregue neste País, e temos mais 400 áreas em processo para a gente entregar.

Então, eu fico orgulhoso por duas coisas. Primeiro, de saber que este continente aqui faz parte da nossa beleza, faz parte da nossa figura, faz parte da nossa graça, faz parte de tudo que nós temos. Então, eu tenho uma gratidão com o continente africano. Na ilha Gorée, fiquei muito emocionado porque eu fui naquela porta, uma portinha de onde os escravos saíam e pegavam o oceano Atlântico. Veja, se naquele tempo os navios negreiros não tinham dimensão de tempo para pegar gente livre lá e trazer como escravos



para cá, por que hoje, os empresários nossos não têm a mesma dimensão de dizer: “o oceano não é dificuldade, o oceano não é obstáculo, o oceano é o caminho pelo qual a gente pode chegar lá”.

Então, eu saio daqui com a sensação de que todos nós, países que tivemos escravos, temos que pedir desculpas e temos que agradecer a esse povo por ter ajudado a gente a ser o que a gente é.